

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

349  
P. 132



DE  
**CANGACEIRO**  
A  
**SANTO**

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

2110  
~~2110~~

# De Cangaceiro a Santo

Direitos adquiridos e registrado de acôrdo com a lei  
na Biblioteca Nacional

★



EDITORA  
**Prelúdio**

RUA IPANEMA, 772 - FONE: 93-1374  
SÃO PAULO

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

**DE CANGACEIRO A SANTO**

História verdadeira, baseada na vida  
do grande Santo "Pedro Armengol",



Há drama na vida humana  
Que a todos causa espanto  
Como este que apresento  
Dum jovem que sofreu tanto  
Que pelas sendas da vida  
Foi "De Cangaceiro a Santo".

É um conto verdadeiro  
Mostrando fatos reais  
De um filho que seguiu  
Pelos caminhos fatais  
Fugindo aos bons conselhos  
Dos seus extremosos pais.

Este drama é um exemplo  
Para os jovens inocentes  
Que se deixam conduzir  
Por estradas diferentes  
Das seguidas pelos pais  
Nos ensinamentos conscientes.

Mas, nem tudo está perdido  
Havendo sinceridade  
Dor, fé, arrependimento,  
Amor, perdão e verdade;  
Passa o maior criminoso  
Para o grau de santidade.

Como o herói dêste drama  
Que seguiu a trilha errada  
Enfrentou o próprio pai  
Na ponta de sua espada  
Porém, se arrependendo  
Teve a culpa perdoada.

Descendente dos ilustres  
E ricos condes de Urgel,  
O Pedro Armengol nasceu  
Com um destino cruel,  
No suntuoso castelo  
Do seu pai justo e fiel.

Os pais do pequeno Pedro  
Eram muito piedosos  
Sinceros, trabalhadores,  
Humanos e caridosos  
Tementes a Jesus Cristo,  
Fiéis e religiosos.

Por isso, eles trataram  
De dar logo ao menino  
Uma fina educação  
No caminho do ensino  
Porém, Pedro era marcado  
Pelas garras do destino.

Desenvolveu-se bastante,  
Era muito inteligente  
Na escola, entre os colegas,  
Era o mais competente  
O mais desembaraçado,  
Intellectualmente.

Porém, aos catorze anos  
Teve a infelicidade  
A desgraça, de travar  
Conhecimentos de amizade  
Com jovens maus, já expulsos  
Da boa sociedade.

Pedrinho inexperiente  
Na mão dêsses miscráveis  
Corrompidos, depravados,  
Por caminhos condenáveis  
Foi arrastado aos vícios  
Mais tristes e abomináveis.

O Pedro Armengol tornou-se  
Perverso, mau e nojento;  
Seus pais sempre recebiam  
Queixas a todo momento  
Contra o filho escandaloso,  
Ingrato e sanguinolento.

Diante de tantas queixas  
Aquêles pais amorosos  
Chamavam o filho às falas  
Davam conselhos bondosos  
Para que êle deixasse  
Os vícios peccaminosos.

Até que, um certo dia  
O pior aconteceu  
O conde Arnaldo Armengol  
Pai de Pedro, recebeu  
Uma queixa tão horrível  
Que dessa forma rompeu:

Filho do meu coração  
Escuta-me um momento  
Não podes continuar  
Sendo um sanguinolento  
Perverso, mau, depravado,  
Sem amor nem sentimento.

Nascestes em bêrço de ouro  
Zelado por boas mãos  
Descendente de fidalgos  
Profundamente cristãos  
Mas, não segues os exemplos  
Deixados por teus irmãos.

Pedro aborrecido disse:

— Não aceito comentário

Acabe com seus sermões

Que o senhor não é vigário

Nem eu sou freira que ande

Abraçada com rosário.

Por favor, deixe-me em paz

Inda disse brutalmente;

O conde respondeu: — Filho,

Deixe de ser insolente.

— Ora bolas! Disse Pedro,

Diga-me logo o que sente.

— É assim que tu respondes?

Filho ingrato e desalmado!

— Sim, é assim que respondo,

E fale logo apressado

Diga o que quiser de mim,

Que estou muito vexado.

— Pois bem, filho de minh'alma

Escuta a minha amargura

Com essa vida que levas

De escândalo e desventura

Para mim e tua mãe

Estás cavando a sepultura.

Ouvindo, Pedro rompeu

Em gostosas gargalhadas

Dizendo: — Era só isso,

Que queria, com massadas?

Eu já não suporto mais

As suas cantoroladas.

O conde surpreso disse,

Como quem da Lua cai:

— É assim que tu respondes?

Aos conselhos de teu pai?

— Não lhos pedi, disse Pedro.

Sermão para mim não vai.

Diante à resposta brusca,  
Cai o conde atordoado  
Em frente a um crucifixo  
De joelhos, amargurado,  
Chorando pelos escândalos  
Do filho ingrato, malvado.

Mesmo assim, os velhos condes  
Viviam em penitência  
Rezavam, pediam a Deus  
Para o seu filho, clemência  
Porém, Pedro só seguia  
Pela desobediência.

Só andava acompanhado  
Pelos maus e assassinos,  
Cometia entre os malandros  
Os maiores desatinos,  
Parecia já perdido  
Para os chamados divinos.

Certa noite, embebedou-se  
E bancou o valentão,  
Entre os próprios companheiros  
Num antro de suspeição,  
Apanhou que quase morre;  
Ficou caído no chão.

Pedro, naquela cidade  
Ninguém confiava nele  
Os rapazes de famílias  
Não acompanhavam êle,  
Como quem foge da peste,  
As moças fugiam dêle.

Se passava numa rua  
Rapazes, moças, meninas,  
Batiam logo as janelas;  
Quando dobrava as esquinas,  
Só ouvia os xingamentos  
Contra às ações assassinas.

Na mesma noite que tinha  
Naquele antro brigado  
Com os amigos de vícios  
Sentindo-se envergonhado  
Resolveu deixar a casa  
Destinado a ser soldado.

Por isso, verificou  
Praça, no mesmo momento  
Mas, os hábitos desonestos  
Obrigaram ao regimento  
Expulsá-lo, em pouco tempo  
Pelo mau comportamento.

Pedro, com a expulsão  
Começou a detestar  
Tôda espécie de soldado;  
Por isso, foi procurar  
Unir-se aos malfetores  
Para poder se vingar.

Audou uma noite tôda  
Por grutas, despenhadeiros  
Com o fim de encontrar  
Um grupo de cangaceiros  
Assaltantes de estradas  
Perversos, maus, desordeiros.

Seguia em busca da serra  
Porque há muito sabia  
Que um grupo criminoso  
Nesse lugar residia  
Porém, ao aproximar-se  
Foi prêso por um espia.

Depois, levado à presença  
Do bandido "Braço Forte"  
Que era o chefe do bando  
Feio que só "a má sorte",  
Para quem o perseguisse  
Tinha a sentença de morte.

— Quem é você, de onde vem?

Pedro logo respondeu:

— Me chamo Pedro Armengol,

Saí quando anoiteceu,

Dessa cidade vizinha

Pelo que me aconteceu.

Ouvindo isso, o bandido

Foi lhe dizendo: — Eu já sei...

Você é um espião

Das tropas do nosso rei!...

Vai morrer, agora mesmo,

Na fôrça da minha lei.

Chamou um capanga e disse:

— Arruel, me arme um laço

No galho daquela árvore

Porque o que digo faço

E enforque este espião

Pendurado no espaço.

Disse o capanga: — Assim seja;

Porém, Pedro replicou:

— Pode matar-me, se quer

Mas espião eu não sou

Se conceder-me uma graça

Verá quem o procurou.

“Braço Forte”, ouvindo, disse:

— E o que deseja de mim?

Não sabe que sou malvado,

Perverso, cruel e ruim?

— Sei tudo — respondeu Pedro

E seguiu dizendo assim:

— A vida já não me serve

Perdi tôda a esperança

Vim somente procurá-lo

Com inteira confiança

De ser ajudado, para

Fazer a minha vingança.

Contra tudo e contra todos  
 Que me arruinaram a sorte  
 O chefe então perguntou:  
 — E não tem medo da morte?  
 Pedro disse: — Eu nada temo  
 Ao lado de “Braço Forte”.

O chefe, por uns instantes,  
 Olhou bem para o rapaz;  
 Disse: — Conte a sua história  
 Seja sincero e capaz  
 Antes de Arruel mandá-lo  
 Para as mãos de Satanás.

Pedro Armengol contou tudo  
 Como foi bem educado  
 Pelos seus bondosos pais  
 E como foi arrastado  
 Para os vícios mais ímpuros  
 Para a estrada do pecado.

Quando Pedro terminou,  
 “Braço Forte”, em atenção  
 Disse: — Eu também fui assim  
 Tive boa educação  
 Cai num crime, forçado,  
 Hoje estou na perdição.

Você vai ficar conosco  
 A sua história é capaz  
 Arruel, vá logo e manda  
 O cozinheiro Tomás  
 Fazer e dar uma boa  
 Comida a este rapaz.

Assim, foi Pedro Armengol  
 Integrado aos bandoleiros  
 Embora que descendesse  
 Dos condes mais justiceiros  
 O destino colocou-o  
 No bando de cangaceiros.

A fuga de Pedro fez  
Os seus piedosos pais  
Chorarem amargurados  
Ainda sofrendo mais  
Quando souberam o destino  
Que tinha tido o rapaz.

Já, unido aos bandidos  
Perversos, salteadores  
Assaltando, nas estradas  
Inocentes viajores  
Como um fiel componente  
Do bando de malfeitores.

Os pais, com isso, sentiram  
Que o instinto da vingança  
Tinha dominado Pedro  
Choraram como criança  
Sobre o futuro do filho  
Quase perderam a esperança.

Arnaldo Armengol, o conde,  
Pai de Pedro, aconselhou-se  
Com a esposa e amigos  
Pelo ato, convergonhou-se  
Vendeu todos os seus bens  
Com a mulher retirou-se.

Para o Reino de Valença,  
Nação recém-conquistada  
Por Dom Jaime, um seu amigo,  
Alma cristianizada  
Que o recebeu nos braços  
Não lhe faltando mais nada.

Dom Jaime vendo no conde  
Pelas altas distinções  
Homem de linhagem nobre  
Nos deveres, nas ações,  
Nomeou-o comandante  
De um dos seus batalhões.

Arnaldo Armengoi ficou  
 No posto de Capitão  
 Pelas suas excelentes  
 Qualidades de cristão  
 Tornou-se um pai, um amigo  
 Para todo o batalhão.

Enquanto isso, o seu filho  
 Entre aquêles bandoleiros  
 Tornou-se tão arrojado  
 Nos seus assaltos primeiros,  
 Que já era o mais temido  
 E feroz dos cangaceiros.

Com as tropas de Dom Jaime  
 Quando o bando se encontrava  
 Na luta de vida e morte  
 Só Pedro se destacava  
 Até "Braço Forte", o chefe  
 Nas unhas dêle, chocava.

No manejar da espada  
 O seu braço era possante  
 Tinha destreza e coragem  
 Era valente, arrogante;  
 "Braço Forte" deu-lhe o título  
 De "Espada Cintilante".

Já, era o lugar-tenente  
 Do seu chefe "Braço Forte",  
 Porém, mais admirado  
 Pelos colegas de sorte  
 Por ser o mais sanguinário  
 E não ter medo da morte.

Era, "Espada Cintilante",  
 Um inimigo do bem  
 Matava sem ter remorso  
 Num passe de vac e vem  
 Quantos lhe aparecessem,  
 Não respeitava ninguém.

Certa vez, êle atraiu  
Um batalhão de soldados  
Para um despenhadeiro;  
Lugar onde os celerados  
Com espadas afiadas  
Estavam entrincheirados.

Quando os soldados passavam  
Na goela do boqueirão  
Pedro pulou, entre êles  
Com sua espada na mão  
Ferindo uns e deixando  
Outros mortos pelo chão.

Dispersou o batalhão  
Junto com os companheiros  
Foi saudado com abraços  
Por todos os bandoleiros  
Como o verdadeiro herói  
Do grupo de cangaceiros.

Pedro que, agora era  
O Espada Cintilante,  
Andava em tôda Espanha  
Com o seu nome alarmante  
Fazendo tremer a todos  
Tôda hora e todo instante.

Todos lhe obedeciam  
Porque se fôssem pegados,  
Em qualquer falta, seriam  
Logo mortos enforcados,  
Pelas margens das estradas  
Em arvoredos copados.

Até que, numa batalha,  
Em um combate renhido,  
Braço Forte liquidou-se...  
Sendo ali mesmo escolhido  
O Espada Cintilante  
Como o chefe destemido.

Dom Jaime, Rei de Valença  
 Por êsse tempo, sabendo  
 Que nos Montes Pirineus  
 Havia um bando tremendo  
 De cangaceiros perversos  
 Tôda miséria fazendo.

Para salvar o seu povo  
 Deu ordens ao Capitão  
 Armengol para que fôsse  
 À frente do batalhão  
 Acabasse os cangaceiros  
 Não tivesse compaixão.

Quando em casa, o Capitão  
 Disse à espôsa querida  
 A ordem do Rei Dom Jaime  
 Por êle já recebida  
 A mulher chorou bastante  
 Temendo por sua vida.

Porque sabia que muito  
 O marido se arriscava  
 Com Espada Cintilante  
 Que nem ao Rei respeitava  
 Das suas garras de fera  
 Quase ninguém escapava.

Recomendou o marido  
 A Virgem da Conceição  
 Pedindo para que Deus  
 Tocasse no coração  
 De Espada Cintilante  
 Que se fizesse cristão.

O Capitão Armengol  
 Não saía do seu trilho  
 Ao consolar à espôsa  
 Pensava no impecilho...  
 — Talvez um dêsses bandidos  
 Seja o meu querido filho!

Nunca mais ouvi falar  
Em Pedro, meu filho amado  
Talvez, até que já tenha  
Hoje, o seu nome mudado  
Deus Poderoso ajudai-me  
Achar meu filho adorado.

Para cumprir a missão  
Partiu no seguinte dia  
À frente dos seus soldados  
Tropas de cavalaria  
Acompanhando mais dois  
Batalhões de infantaria.

O Capitão Armengol  
Viajava sem conforto  
Durante tôda a viagem  
Como em busca de um pôrto  
Só pensava no seu filho...  
Estaria vivo ou morto?

Leu que o Evangelho diz:  
— "Não quero que o pecador  
Morra, mas que se converta  
E viva", no Salvador,  
A vida da harmonia,  
Da justiça e do amor.

Vinha-lhe a esperança  
Do fundo do coração  
Por isso, pedia a Deus  
Para o filho, a conversão  
Se fôsse vivo e se morto  
Que lhe alcançasse o perdão.

Lá em casa, a mãe de Pedro  
Orava a Deus verdadeiro  
Pedindo que transformasse  
O coração carniceiro  
Do filho ingrato e fizesse  
Daquêle lobo, um cordeiro.

Já nos Montes Pirineus  
Com as tropas preparadas  
O Capitão ocultou-se  
Porém, deixou nas estradas  
Com uns fardos sem valor  
Umhas mulas carregadas.

Os bandidos que estavam  
Muito perto, tocaiando  
Quando viram os animais  
Carregados, caminhando  
Avançaram contra êles  
E foram descarregando.

Entretidos com as cargas  
Os bandidos ocupados  
O Capitão Armengol  
Pulou, com os seus soldados  
Em cima dos assassinos  
Tomando todos os lados.

Todos, de espada em punho  
Atacaram aos ladrões  
A confusão foi terrível  
Blasfêmias e maldições  
Gritos de dor, desespero  
Gemidos, lamentações.

Os bandidos reagiram  
Na enorme confusão  
As espadas retiniam  
Corpos rolavam no chão  
De bandidos e soldados  
Da tropa do Capitão.

É que os salteadores  
Já estavam resolvidos  
A vender a vida caro  
Embora muito feridos  
Enfrentavam, corpo a corpo,  
Aos soldados destemidos.

LÁ EM CASA, A MÃE DE PEDRO  
ORAVA A DEUS VERDADEIRO  
PEDINDO QUE TRANSFORMASSE  
O CORAÇÃO CARNICEIRO  
DO FILHO INGRATO E FIZESSE  
DAQUELE LÔBO UM CORDEIRO



Não se contava os mortos  
Entre ladrões e soldados  
As espadas se cruzavam  
Nos golpes descarregados  
Voavam tochas de fogo  
Dos ferros despedaçados.

O Capitão Armengol  
Suspeitou, no mesmo instante  
Que entre aquêles bandidos  
Estivesse o arrogante  
Chefe cognominado  
De Espada Cintilante.

Apcou-se do cavalo  
E tomou de um soldado  
A espada, pois a dêle  
Tinha se despedaçado  
E a quem julgava o chefe  
Caminhou para o seu lado.

Frente a frente, o Capitão  
Com o chefe dos ladrões  
O Espada Cintilante  
Sem discutirem razões  
Partiram, um para o outro  
Igualmente a dois leões.

Como feras, pai e filho  
Em luta desconhecida  
Lutavam para vencer  
Numa batalha renhida  
Pois, cada um procurava  
Defender a própria vida.

Na fôrça dos dois heróis  
As espadas se erguiam  
E nos ares se topavam  
Grossas faiscas saíam;  
Os dois estavam tão cegos  
Que não se reconheciam.

E continuava a luta  
Quando o milagre se deu  
O Espada Cintilante  
Num golpe que recebeu  
Como que, abriu os olhos  
Ao seu pai reconheceu.

Em pedaços pelos ares  
A sua espada se vai;  
Nessa hora, arrependido  
Aos pés do Capitão cai  
Obediente, chorando  
Dizendo: — Perdão, meu pai!

Perdão, meu pai, para um filho  
Mau, ingrato e pecador!  
Abençoai êste infeliz!  
Perdoai o malfeitor!  
Para que descanse em paz  
Nos braços do Salvador.

Arnaldo reconhecendo  
Naquele chefe bandido  
O seu próprio filho Pedro  
Que estava foragido;  
Ficou exclamando: — Filho!  
Meu filho! Pedro querido!

E abraçaram-se diante  
Dos bandidos e soldados  
Que, com a cena imprevista  
Ficaram maravilhados  
Olhando o pai e o filho  
Chorando os dois abraçados.

Mas Pedro continuava  
Dizer sem consolação:  
— Meu pai, eu sei que não sou  
Mais digno do seu perdão  
Portanto, dê-me o castigo  
Com a sua punição.

Nisso, o conde Capitão  
 Vendo o filho arrependido  
 Prostrado aos seus pés disse:  
 — Levanta Pedro querido  
 Já que Deus me trouxe o filho  
 Que eu julgava perdido.

Por mim, estás perdoado  
 De todo meu coração  
 Dou muitas graças a Deus  
 E a Virgem da Conceição  
 Em ver-te resignado  
 Nas portas da salvação.

Assim, terminou-se a luta  
 Onde muitos pereceram  
 Foram presos ou feridos  
 Outros com medo correram  
 Com a conversão de Pedro  
 Os ladrões se soverteram.

O capitão conduziu  
 O seu filho convertido  
 Só para experimentar  
 Se êle estava arrependido  
 Com provas, reconheceu  
 Em Pedro, o dever cumprido.

Quando correu no país  
 A nova da conversão  
 De Espada Cintilante  
 Habitantes de Aragão  
 E da Catalunha, foram  
 Abraçar o Capitão...

Dando-lhe mil parabéns  
 Por êle haver conseguido  
 Recuperar o seu filho  
 Que parecia esquecido  
 Para Deus e para a Pátria  
 Completamente perdido.

PERDÃO, MEU PAI, PARA UM FILHO  
MAU, INGRATO E PECADOR!  
ABENÇOAÍ ESTE INFELIZ!  
PERDOAI O MALFEITOR!  
PARA QUE DESCANSE EM PAZ  
NOS BRAÇOS DO SALVADOR.



Não devemos condenar  
 Ninguém, por ser pecador,  
 Que o coração é terra  
 Onde não vai caçador,  
 E se convertendo, Deus,  
 Perdoa seja quem fôr.

Um dia caindo em si,  
 Se converte o pecador;  
 Exemplo: o Bom Ladrão,  
 Que também foi malleitor.  
 E tantos outros que no céu,  
 Têm honra e resplendor.

Além dêste, outros tantos  
 Que a Santa Igreja Católica  
 Nos aponta como exemplo  
 Aonde a fé apostólica  
 Abre a luz e fecha a porta  
 Da estrada diabólica.

Para a total conversão  
 Pedro viu duros momentos  
 Pensando no seu passado  
 Nos atos sanguinolentos  
 Viu-se num mar de angústias  
 Tentações e sofrimentos.

O Demônio aproveitou-se  
 Daquela situação  
 Confusa de desespero  
 Aumentou a tentação  
 Fazendo crer ao rapaz  
 Que não tinha salvação.

Pensava Pedro que os crimes  
 Por êle já praticados  
 Nem na terra nem no céu  
 Não seriam perdoados  
 E o Satanás lhe mostrava  
 O quadro dos seus pecados.

Deus, porém, dos Altos Céus  
Contemplava tudo isso  
Resolveu fazer de Pedro  
Um apóstolo benquisto  
Dos maiores luminares  
Da Santa Igreja de Cristo.

Animou-o de viva voz  
Em centenas de sermões  
Que Pedro ia ouvir  
Nos templos, nas procissões  
Com isso, o Demo perdia  
Em suas insinuações.

Pedro ouvindo, na Igreja  
Um sacerdote pregar  
Que Deus era bom e justo  
E podia perdoar  
A todos os pecadores  
Resolveu se confessar.

Na Espanha, em Barcelona  
Foi ouvido em confissão  
Por um sacerdote santo  
Da cristã religião  
Foi quando Pedro sentiu-se  
Mais perto da salvação.

Sentiu-se reanimado  
Entregou-se à oração  
De corpo e alma, com fé  
Pela mortificação  
Entre duras penitências  
Pedindo a Deus o perdão...

Passava noites de joelhos  
Contrito, sem murmurar  
Entregue à meditação  
Sem se bolir do lugar  
Pedindo misericórdia  
Para Deus o perdoar...

O Demônio, furioso  
Com a derrota sofrida  
Continuou a tentá-lo  
Porém, não houve saída  
Terminou dando um estouro  
Tôda luta foi perdida.

Pedro, para reparar  
Os crimes, feitos outrora  
As injúrias, contra Deus  
Resolveu, em boa hora  
Fazer-se membro da ordem  
Da Virgem Nossa Senhora.

Essa ordem é conhecida  
Porque mantém um convento  
Onde recebe os irmãos  
Saídos do sofrimento  
Para o ingresso na vida  
Santa do arrependimento.

Ordem de Nossa Senhora  
Das Mercês, em Barcelona  
Pedro entrou para o convento  
Onde a Virgem é a patrona  
Salvando os arrependidos  
Quando o mundo os abandona.

Pedro, já muito mudado  
Enfrentou os exercícios  
Entre duras penitências  
Com todos os sacrifícios  
Para alcançar as virtudes  
Não olhava os precipícios.

Porém, os superiores  
Da Ordem, observando  
O sacrificio de Pedro,  
Foram lhe aconselhando  
Estudos eclesiásticos  
Que foram lhe ministrando.

O antigo cangaceiro  
Que agora, revestido  
Do santo burel da Ordem  
Piaamente arrependido  
Era Frei Pedro Armengol  
Por todos muito querido.

Tendo uma rara memória  
E brilhante inteligência,  
Recebeu as ordens sacras  
Contra a sua consciência;  
Por ter sido um criminoso  
Combatendo a Providência.

Então, os Superiores  
Da Ordem, no principal  
Ponto de observação,  
Olhando aquêlê ideal,  
Resolveram conceder-lhe  
A ordem sacerdotal.

Frei Pedro, obedecendo  
Ordens dos superiores  
Curso a Teologia  
Aprendendo os seus valores  
Sendo feito sacerdote  
Por dotes merecedores.

Ordenado sacerdote  
Com divina vocação  
Celebrava a Santa Missa  
Todo dia em devoção  
Rogando pelos escravos  
A Virgem da Conceição.

Da mesma forma que Pedro  
Suplantou os cangaceiros  
Em bravura e destemor  
Foi o maior dos obreiros;  
Ele agora no convento  
Surprendia os companheiros.

Exercendo a piedade  
 Ou em mortificação  
 Maltratava tanto o corpo  
 Que lhe chamaram a atenção  
 Pedro era exemplo em tudo  
 Naquela congregação.

Dando provas de fervor  
 E zêlo, entre os mais bravos  
 Defensores dos humildes,  
 Não importando os agravos,  
 Foi-lhe confiado o cargo  
 Da redenção dos escravos.

Com seu fiel companheiro,  
 Frei Guilherme Florentino,  
 Foram à Bugia, na África,  
 Salvando do mau destino  
 Cento e dezanove escravos  
 Do paganismo assassino.

Depois, voltaram à Espanha  
 Com fé em Deus Verdadeiro  
 Trazendo aquêles escravos;  
 Mas tiveram outro roteiro  
 De que dezoito meninos  
 Estavam no cativoiro...

Estavam essas crianças  
 Prêsas por mouros pagãos  
 Sofrendo p'ra renegarem  
 A santa fé dos cristãos;  
 Porém todos os esforços,  
 Contra elas, eram vão.

Os frades chegando, foram  
 Falar ao chefe dos mouros  
 E resgataram as crianças  
 No valor de um tesouro  
 Para salvá-las dos monstros  
 Pagando a pêsso de ouro.

Porém, os frades não tendo  
O capital verdadeiro  
Um foi levar as crianças  
Para trazer o dinheiro  
E o outro ficou prêso  
No maldito cativoiro.

Côm os dezoito meninos  
Frei Guilherme viajou  
E o frade Pedro Armengol  
Como refém lá ficou  
Até que findou-se o prazo  
E o outro não regressou.

Frei Guilherme não chegando  
Os mouros ficaram irados;  
Sem o ouro do resgate,  
Julgavam-se enganados;  
Os chefes maometanos,  
Queriam ficar vingados.

Por isso, o pobre Frei Pedro  
Na mesma hora, pegaram  
E numa cadeia imunda  
Por vingança encarceraram  
Para castigo maior  
Dia e noite o atormentavam.

Mas, antes, Frei Pedro tinha  
Com trabalho, conseguido  
A conversão de alguns  
Que se tinham resolvido  
Acreditar no batismo  
Do Messias Prometido.

Ésses pagãos convertidos  
Faziam opposição  
Contra aos que desejavam  
Matar o frade cristão,  
Porém êles enraivados  
Não lhes prestavam atenção.

Com três dias de espera  
A sentença foi lavrada  
Para Frei Pedro ser morto  
Uma fôrca foi armada  
Sem a menor piedade  
Foi a ordem executada.

Agora, caro leitor,  
Veremos o quanto é forte  
A fé de quem acredita  
No Autor da nossa sorte  
E como Nossa Senhora  
Defende um cristão da morte.

Frei Pedro ficou na fôrca  
Parecendo ter morrido  
Oito dias pendurado  
Sem que pudesse ter sido  
Retirado porque era  
Pelos chefes, proibidos.

Os dias foram passando  
Sem nenhuma alteração  
Quando ninguém esperava  
Chegou uma embarcação  
Frei Guilherme com o ouro  
Para salvar o cristão.

Chegando foi informado  
Do brutal acontecido  
Com o Frei Pedro Armengol  
Seu companheiro querido  
Um crime repugnante  
Pelos pagãos, cometido.

Em companhia de alguns  
Que tinham assistido o fato  
Frei Guilherme foi olhar  
E ficou estupefato  
Quando viu que o cadáver  
Não estava putrefato!

Ninguém sentia mau cheiro  
 O assombro era geral  
 Ao contrário, rescendia  
 Um odor celestial;  
 Quando se ouviu do alto  
 Uma voz angelical.

Era Frei Pedro explicando  
 O que tinha se passado  
 Que Nossa Senhora havia  
 Sua vida conservado  
 Para que aquêlê exemplo  
 Ficasse concretizado.

Frei Guilherme e os convertidos  
 Da fôrça, o frade desceram;  
 Os pagãos maometanos  
 Confusos permaneceram,  
 Porém olhando o milagre  
 Diversos se converteram.

Ambos os missionários  
 Depois dêsse acontecido  
 Regressaram à Barcelona  
 Crentes do dever cumprido  
 Aonde Frei Pedro foi,  
 Como um herói, recebido.

Reuniu-se o povo todo  
 Num grande acompanhamento  
 Exaltando o grande-feito  
 Do pôrto até o convento  
 De Nossa Senhora das  
 Mercês, com contentamento.

Os confrades de Frei Pedro  
 Sabendo o acontecido  
 Quiseram ouvir de seus lábios  
 Porém êle entristecido  
 Trancou-se em sua humildade  
 Não atendeu ao pedido.

O Bispo, porém, forçou-o  
 Narrar o que se passou  
 Diante a obrigação  
 Frei Pedro não relutou  
 Humilde e modestamente  
 Dessa maneira falou:

— “A Virgem Maria, Mãe  
 De Deus e nossa” também,  
 Pediu a seu Santo Filho  
 Que do Alto, do além,  
 Conservasse a minha vida  
 E os anjos disseram: Amém.

Conseguindo êste favor,  
 A Virgem Mãe dos cristãos,  
 Sustentou-me muitos dias,  
 Com suas santíssimas mãos  
 Para que eu não morresse  
 E voltasse aos meus irmãos.

Pois, meu corpo flutuando,  
 A corda não arrojava  
 E a Rainha Soberana  
 Nos arcs me sustentava,  
 Suspenso, no meu pescoco,  
 O laço não me afogava.

Terminada a narrativa,  
 Tudo que aconteceu...  
 Dois anos em Barcelona  
 Frei Pedro Armengol viveu  
 Em penitência constantes,  
 A muitos maus converteu.

Quando falava ao povo  
 Nos seus sermões inflamados  
 De amor e humildade,  
 Contra o horror dos pecados,  
 Trazia muitos incrédulos  
 Ao rol dos iluminados.

Porém, um dia fugindo  
Pelo bem que praticava  
Dos aplausos que a cidade  
Inteira lhe tributava,  
Refugiu-se Frei Pedro  
Onde ninguém esperava...

No conventozinho de  
Nossa Senhora dos Prados,  
Bispado de Terragona,  
Entre os bem-aventurados,  
Onde seguiu no caminho  
Dos santos martirizados.

Submeteu-se a uma série  
De contínuas penitências  
E de virtudes heróicas  
Orações e indulgências,  
Porque só o bem accende  
O farol das consciências.

Assim viveu alguns anos,  
Até que veio a sofrer  
Uma grave enfermidade  
Que não a pôde vencer,  
Predisse o dia e a hora  
Que havia de morrer.

Depois de ter recebido  
Com fervor e humildade  
Aos últimos Sacramentos  
No seio da santidade  
Morreu, sorrindo, aos quarenta  
E mais seis anos de idade.

A vinte e sete de abril  
Foi esse fato passado  
Em mil trezentos e quatro  
Como está escriturado  
Por isso que, em todo o mundo  
Esse dia é festejado.

Frei Pedro deixou na terra  
 A sua parte simbólica  
 Firmada na consciência  
 Da sua fé apostólica,  
 Como um dos grandes santos  
 Da Santa Igreja Católica.

A vida humana tem quadros  
 Litografados a cores...  
 Matizando os panoramas  
 Entre folguedos e dores  
 Isso, numa luta imensa  
 De Cristo vem recompensa  
 Alívio aos pecadores.



## **SENSACIONAL!** **INÉDITO!**

Você ficará satisfeito e atualizado ao  
 Comprar um exemplar de **MELODIAS**  
**MELODIAS** está totalmente diferente!

**MELODIAS** está completa!

Uma centena de letras de músicas populares e sertanejas, breves notícias sobre rádio e televisão, seções variadas que lhe agradarão, partituras de música para harmônica, e o que é muito importante: **MELODIAS ENSINA VOCE A TOCAR VIOLÃO** por um novo método, revolucionário, verdadeiramente sem auxílio de professor!

**MELODIAS**

A venda em tôdas as bancas.

7873



AS CONHECIDAS "CARTAS DE AMOR" DE FRED JORGE,  
QUE EMPOLGARAM MILHÕES DE OUVINTES DE RÁDIO,  
REUNIDAS NUM LIVRO DEDICADO AOS ENAMORADOS



PEDIDOS À EDITORA PRELÚDIO LIMITADA  
RUA IPANEMA, 772 — FONE: 93-1374 — SÃO PAULO

SNB